

AGENCIAMENTOS DO CORPO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:**Uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física**

Terezinha Petrucia da Nóbrega*

Resumo: Apresentamos uma reflexão sobre o conhecimento da Educação Física, considerando-se o agenciamento e os saberes produzidos pelo corpo na sociedade contemporânea.

Abstract: This is a reflexive Introduction in the Education Physical knowledge, regard in the production of by body agency and know in the contemporary Society.

Agenciamentos do Corpo

O agenciamento do corpo pode ser considerado como o uso do corpo na sociedade contemporânea, dimensionado pela convivência, por vezes conflituosa, com as novas tecnologia de transformação corporal e produção de subjetividades. A produção da subjetividade é desterritorializada, havendo vários agenciamentos coletivos que compõem esta heterogeneidade. A subjetividade é polifônica, plural, caracterizando os agenciamentos coletivos. "A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários"(Guattari, 1992, p.153). Desse modo, os gestos, a postura, os movimentos de um modo geral, são considerados como potencializadores da enunciação da subjetividade.

O corpo é tematizado pela Religião, pela Filosofia, pela Ciência, pela Educação e pela Arte, fazendo-se presente, de diversas formas, no pensamento e na cultura de um modo geral. Ao corpo se atribuem valores como corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-pecado, corpo-sujeito, corpo-prótese, enfim, cada época constrói o seu próprio modelo de corpo, embora sempre esteja em contato com os modelos anteriores.

A abordagem estética diz respeito aos diferentes sentidos produzidos pelo corpo em movimento, apresentando-se a partir da perspectiva fenomenológica como um novo logos para o conhecimento. Desse modo, passamos a considerar a realidade do corpo expressa através dos discursos produzidos por diferentes instituições sociais, observando-se o modo como influenciaram e influenciam a experiência vivida.

É visível o ressurgimento do corpo na cultura contemporânea. Foucault (1979) ressalta que, diferentemente do século passado, o século XX iria priorizar o investimento no corpo, sob a forma de "controle-estimulação". O poder assume sua materialidade ao investir na "recuperação do corpo", através de uma complexa rede de investimentos: publicidade, medicina e diferentes técnicas corporais, como a ginástica. Somam-se a esse contexto, as possibilidades colocadas pelas tecnologias do corpo, imagens da mídia e outros universos referenciais.

Uma nova cultura do consumo se estabelece a partir da imagem do corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer e à exibição, enfatizando a importância da aparência e do visual. Essas imagens de corpo são divulgadas pelos meios de comunicação de massa e mídia eletrônica,

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte

exigindo toda uma rotina de exercícios, dietas, cosméticos, terapias, entre outras preocupações com a imagem e a auto-expressão, uma exposição sem limites do corpo (*corpo-outdoor*).

Featherstone et alii (1996) analisam essa emergência da cultura do consumo a partir de dois pilares básicos, a saber: a manutenção e a aparência. A aparência relaciona-se com as imagens de corpo, a preocupação com o “visual”. A manutenção relaciona-se com as rotinas de adequação aos valores e padrões de consumo divulgados pelas próprias imagens. Aparência e manutenção são categorias que se retroalimentam, na lógica fantasiosa do consumo.

Para a cultura de consumo, o corpo é veículo de prazer, estando associado a imagens idealizadas de juventude, saúde, aptidão e beleza, que favorecem a expansão da indústria da moda, cosméticos, academias de ginástica e afins. A manutenção, terminologia que indica a popularização da metáfora do corpo-máquina, demanda a monitoragem do atual estado da performance corporal, envolvendo a medicina preventiva, a educação para a saúde e o *fitness*. Surge também a preocupação com o valor calórico dos alimentos, com os diferentes tipos de atividade física, a intensa divulgação de manuais de auto-ajuda, de dietas de todos os tipos, enfim, o disciplinamento do corpo e sua submissão à cultura de consumo. A percepção do corpo é dominada pelas imagens da cultura de consumo, refletindo na percepção da vida social e das relações humanas de um modo geral (*Featherstone et alii, Op. Cit.*).

Analisando as transformações que a sociedade de consumo opera sobre o homem moderno, *Baudrillard* (1992) reflete sobre este aspecto fractal da realidade. O autor refere-se ao valor fractal como sendo o esquema atual de nossa cultura. O valor irradia-se em todas as direções, havendo uma dispersão dele, uma desterritorialização, onde nada mais pode ser ordenado.

Vivemos num mundo de imagens, atravessando fronteiras *on line*, um processo avançado de desterritorialização das coisas, das idéias, das pessoas, o anúncio de uma cultura global. No entanto, a perda do entorno gera desculturalização. A cultura é fundamental para a preservação da identidade, das referências (*Santos, 1997*). A instantaneidade da informação globalizada e das telecomunicações aproxima os lugares, possibilita acesso imediato aos acontecimentos, mas é sempre uma realidade virtual, que não pode substituir a materialidade e a afetividade do entorno e do encontro.

No entanto, não podemos confundir o virtual com imaterialidade ou com a pura e simples ausência da existência, mas, retomando a etimologia latina da palavra virtual (*virtus*) e o sentido escolástico do termo, compreendê-lo como potencialidade.

O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (*Lévy, 1998, p.15*)

A virtualidade envolve o desprendimento do aqui e agora, não há uma espacialidade precisa e sim uma espécie de “não-presença” que nos coloca “ao mesmo tempo aqui e lá graças às técnicas de comunicação e de telepresença” (*Lévy, Op. Cit., p.27*).

Não se trata de uma desmaterialização, mas a construção de uma nova identidade a partir da reconstrução do corpo, possibilitada pela biotecnologia e pelas telecomunicações. A identidade não diz respeito apenas ao indivíduo isolado, mas trata da criação de um *continuum biológico* virtual vasto e ainda

inexplorado, capaz de reconceituar o gênero humano, inaugurando uma nova etapa na autocriação da espécie humana.

Esse processo de virtualização do corpo concretiza-se na alteração das funções somáticas como: a percepção, os movimentos de deslocamento do corpo, as alterações na visibilidade do corpo, seja por reconstituições da pele, dos tecidos, seja pela criação de modelos digitais do corpo, entre outras possibilidades. O fenômeno de reconstrução da identidade do humano, a partir da virtualização, cria o hipercoipo, propício às mais diversas viagens e trocas entre os indivíduos. O hipercoipo é um coipo coletivo:

Cada coipo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercoipo híbrido e mundializado. Fazendo eco ao hipercórtex que expande hoje seus axônios pelas redes digitais do planeta, o hipercoipo da humanidade estende seus tecidos quiméricos entre as epidermes, entre as espécies, para além das fronteiras e dos oceanos, de uma margem a outra do rio da vida Meu coipo pessoal é a atualização temporária de um enorme hipercoipo híbrido, social e biotecnológico (*Lévy, Op. Cit., p.31; 33*)

Os computadores e as redes digitais, cada vez mais presentes no cotidiano, possibilitaram o surgimento do fenômeno da virtualização. Cabe refletir sobre essas questões e estar atento, evitando-se as atitudes de aceitação ou rejeição apressadas, no calor das novidades. Em relação ao coipo, há outras formas de sabedoria que não devem ser descartadas, mas que, em conjunto com os acontecimentos contemporâneos, compõem a complexidade da existência corpórea.

Nesse processo desenfreado de globalização, corremos o risco da massificação, da submissão. Perdemos as nossas referências mais significativas, como as do nosso coipo, na dispersão das próteses (transplantes, cirurgias modificadoras, entre outros recursos da biomedicina, bioengenharia e inteligência artificial), no apelo do consumo desmedido. A parceria com a tecnologia é fundamental, mas a cultura não se reduz à realidade virtual, há outras referências que dimensionam a cultura, para além da ordenação binária dos objetos cibernéticos, como, por exemplo, a sensibilidade expressiva da corporeidade.

O movimento em torno das imagens de coipo refere-se diretamente à questão do valor. Nesse contexto, a mídia assume uma função estratégica de divulgar um certo modelo de vida, de padrões e de comportamentos. Especialmente, em relação ao coipo, o discurso da mídia carece de uma análise científica e de reflexão sobre o estatuto do coipo na contemporaneidade.

É a mídia o grande veículo desse processo ameaçador da integridade dos homens. Virtualmente possível, pelo uso adequado de tantos e tão sofisticados recursos técnicos, a percepção é mutilada, quando a mídia julga necessário, através do sensacional e do medo, captar a atenção (*Santos, 1997, p.23, 24*)

O movimento veloz da mídia em divulgar imagens e modelos de coipo produz uma corrida alucinada aos métodos e técnicas de modificação do coipo, para adaptar-se à moda. O destino do coipo torna-se prótese, seja por cirurgia ou imagem:

Cada um procura seu visual. Como já não é possível achar argumento na própria existência, só resta fazer ato de aparência sem preocupação de ser nem mesmo de ser olhado. Não se trata de "existo, estou aqui", mas de: "sou imagem"— visual, visual! Já nem é narcisismo, é extravessão sem profundidade, um tipo de ingenuidade publicitária em que cada um torna-se empresário da própria aparência (*Baudrillard, 1992, p.30*)

As intervenções sobre o corpo, historicamente, aconteceram de forma fragmentada, fragmentando-se igualmente a vivência consigo mesmo e com o outro:

Outrora o corpo foi a metáfora da alma; depois foi a metáfora do sexo; hoje já não é mais metáfora de coisa nenhuma. É o lugar da metástase, do encadeamento maquínico de todos os seus processos, de uma programação infinita sem organização simbólica, sem objetivo transcendente, na pura promiscuidade consigo mesmo, que é também a das redes e dos circuitos integrados (*Baudrillard, Op. cit. p.13*)

O corpo fragmentado foi analisado por diversos autores como Foucault, Baudrillard, Deleuze, Guattari e outros, empenhados na descrição da desarmonia corporal, do corpo dividido, unificando-se precariamente na Arte, no desejo e na ação disciplinadora. Esta ação disciplinadora se constitui numa forte referência para o Esporte e para a atividade física de um modo geral, considerando-se o adestramento do corpo para fins competitivos no mundo esportivo e na sociedade.

Foucault (1991) denuncia o corpo submetido ao poder nas instituições, prisões, manicômios, fábricas e escolas. O corpo submetido à repressão, à disciplina, à vigilância e ao controle. O controle do corpo pelo poder é uma forma de submissão eficaz para fabricar corpos dóceis, utilizando técnicas minuciosas de intervenção sobre os corpos.

Na pós-modernidade, *Baudrillard (1992)* reflete sobre o corpo na era do virtual, o aspecto fractal, de dispersão do corpo e dos valores. É o corpo simulacro, matéria bruta das próteses. O corpo é *transexual, transtético, transcultural* e, nesse *transtudo*, o que resta? A presença do corpo não é mais condição de existência, havendo uma modificação das formas de interação humana, sem o toque, sem a imagem, sem o cheiro, sem as experiências sensoriais. "Ser torna-se uma performance efêmera, sem futuro, um maneirismo desencantado num mundo sem maneiras..." (*Baudrillard, Op. cit. p.30, 31*).

A cultura de consumo divulga um determinado modelo de corpo, impondo imagens idealizadas e gerando uma corrida às técnicas de transformação corporal. Há previsões de que, num futuro próximo, estaremos convivendo com uma geração de seres híbridos, organismos cibernéticos (*cyborgs*), numa espécie de fusão entre o humano e a máquina. Não se trata de ficção científica, seres *replicantes* do tipo Blade Runner ou Robocop, criados pelas imagens cinematográficas, mas de uma realidade produzida pelas transformações corporais possibilitadas pela Biomedicina, Engenharia Genética e Embriologia. A discussão das fronteiras entre os sujeitos, seus corpos e o mundo virtual é reconfigurada, surgindo os dilemas da reconstrução tecnológica do corpo e do que é o humano (*Featherstone and Burrows, 1995*).

No cenário da biotecnologia, a Genética tem apresentado contribuições significativas para as novas possibilidades de reconstrução da identidade corpórea humana. Após quatro décadas de pesquisa genética sobre o DNA, o Projeto Genoma sintetiza os anseios da ciência e da sociedade para decifrar o código da vida, catalogar os genes humanos e obter um mapa da natureza humana. No entanto, é preciso prudência, pois, se é certo que já há uma década se tem disponível a tecnologia que permite fazer a seqüência dos genes, não se pode ter como certo o êxito da terapia genética, haja vista que as terapias previsíveis aplicam-se somente a um pequeno número de doenças de genes únicos. Doenças cardíacas, câncer, esquizofrenia, depressão, alcoolismo

podem revelar-se tão complexas e multigênicas que podem inviabilizar o tratamento, assim a panacéia, embora tenha causado impacto, permanece como tal (*Shattuck, 1998*).

Outra questão polêmica diz respeito ao DNA recombinativo, à manipulação e à engenharia genética voltada para a formação de seres híbridos que podem modificar às formas da vida humana, ou mesmo, a questão do prolongamento da vida e a questão da imortalidade. Um dos limites do Projeto Genoma é o fato de que não existe um genoma-padrão do humano, nesse sentido: "Nossa espécie é definida tanto pelos bilhões de pares de bases entre os átomos como, igualmente, pelas diferenças (polimorfismos) entre os genomas individuais responsáveis pela variedade de corpos e mentes humanas" (*Shattuck, Op. Cit., p.211*).

A existência humana não se reduz aos fundamentos químicos. Nessa perspectiva, a visão da Biologia Molecular torna-se insuficiente, pois, ao considerar que os genes constituem a informação que especifica o ser vivo, reduz o todo à propriedade dos componentes.

É a rede de interações em sua totalidade que constitui e especifica as características da célula, não um de seus componentes. É certo que modificações nos genes trazem conseqüências dramáticas para a estrutura de uma célula. O erro está em confundir participação essencial com responsabilidade única (*Maturana e Varela, 1995, p.107*)

A biotecnologia tem proporcionado condições para as modificações no estatuto do corpo que concretizam uma verdadeira revolução somatoplástica. A Biomedicina pode transformar a natureza humana e recriar o homem, através de inúmeras técnicas, gerando uma intercorporeidade. Sobre a intercorporeidade, temos que: "Intercorporeidade é uma dimensão fenomenológica aberta pelas novas técnicas corporais que realizam a quimera, como os transplantes de órgãos e tecidos, a doação de gametas e embriões ou a intervenção genética" (*Mainetti, 1998, p.1*).

Esta nova realidade do corpo abre espaço para a discussão bioética, envolvendo o debate sobre a propriedade corporal e sua comercialização, além de discussões sobre a identidade do ser humano, voltando-se à questão levantada pela Fenomenologia, especialmente por Merleau-Ponty, do corpo que tenho e do corpo que sou. A intervenção biotecnológica suscita uma reflexão aprofundada sobre a ética, especialmente no que diz respeito aos valores da convivência humana em sua realidade corpórea.

Se por um lado, essa revolução somatoplástica pode contribuir para a readaptação ou reconstrução de corpos mutilados, restaurando aspectos funcionais, por outro lado, a adesão irrefletida pode ser perigosa, no sentido de mutilar a identidade corporal. O ressurgimento do corpo na atualidade, fundado nas próteses e no modelo cibernético, traz consigo o reaparecimento do dualismo, em novas bases, apontando uma defasagem do corpo em relação às possibilidades da bioengenharia, com as transformações do corpo e as possibilidades das viagens plasmáticas no universo *on line*, frente ao nosso espaço tridimensional, entre outros aspectos. Um novo mentalismo ressurgiu com toda força na cultura contemporânea. Desse modo, busca-se substituir a emergência das funções corporais pela virtualidade, tornando-as objeto cibernético.

Por outro lado, há também a necessidade de um convívio com as tecnologias que estão presentes em todos os campos da atividade humana, criando interfaces ou novas possibilidades para o corpo: "As tecnologias ampliaram o campo da percepção por novas formas de existir antes não permitidas por um corpo somente biológico" (*Domingues, 1997, p.26*). O "pós-biológico", fundado nas interfaces da Cibernética, da

Robótica, da Inteligência Artificial, coloca-se como possibilidade para novas conexões em ambientes tecnologizados.

Na diversidade e velocidade das informações, na sociedade contemporânea, necessita-se de um redimensionamento do ser que somos, os sentidos precisam ser reabilitados num novo mundo, havendo a necessidade de uma nova percepção e de uma nova sensibilidade. Os fragmentos detonam uma infinidade de interrogações, entre elas: o que há de fato? uma defasagem do corpo, transformado em objeto obsoleto diante das técnicas de reconstrução e reposição da realidade corporal? A pergunta de *Le Grand* (1997, p. 287), inquieta: "Quem vai educar as massas sobre os princípios de realidades contraditórias, simultâneas e múltiplas?". Acrescentamos: Como se vai educar, quais os valores, os instrumentos, as condições?

Considerando que os agenciamentos ou usos do corpo configuram mapas cognitivos e acontecimentos individuais e sociais e considerando que a Educação Física, como instituição social, produz determinados agenciamentos sobre o corpo, ou seja, produz subjetividades, modos de ser e de conviver, buscamos perceber como se articulam o conhecimento do corpo e o conhecimento da Educação Física, na definição de possíveis cenários epistemológicos e de intervenção nesta área.

O conhecimento do Corpo e o conhecimento da Educação Física

O conhecimento do corpo seguiu de perto os postulados da racionalidade moderna. Vesalius, o maior de todos os anatomistas, publicou sua obra-prima "De Humanis Corporis Fabrica" (sobre o edifício do corpo) em 1543. Esta obra não considerava a anatomia apenas através das formas do corpo, mas contemplava a sabedoria que ali se encontrava (*Sawday, 1998*). No século 19 a fisiologia divide com a anatomia as bases compreensivas do funcionamento do corpo. O fisiologista Claude Bernard cunhou o termo *milieu interieur* ou meio ambiente interno para descrever o estado que permite que a vida permaneça constante independente do ambiente externo.

Essa tese, avançada para o século 19, haja vista que considerava os processos corporais internos, atualmente é considerada insuficiente e necessita ser ampliada com a noção de autopoiesis e da lógica circular entre processos internos, meio ambiente e cultura (*Nóbrega, 1999*).

No século 19, os estudos e concepções sobre as bases da vida giravam em torno de duas perspectivas: o vitalismo e o mecanicismo. Para o Vitalismo havia uma força vital responsável pela manutenção da vida, independente da concepção religiosa. O Mecanicismo buscava elucidações bioquímicas e fisiológicas, a partir de pesquisas em laboratório, para fornecer as explicações físico-químicas para os processos vitais (*Nuland, 1998*). A Ciência, especialmente às ciências do vivo: anatomia, biologia, fisiologia, bioquímica, seguiram a perspectiva mecanicista e produziram um conhecimento detalhado do organismo humano, dissecando, examinando microscopicamente, descobriram partes cada vez menores e com funções específicas. A neurologia fez o mesmo com o cérebro e a Psicologia buscou enxergar no comportamento, as relações entre esses saberes.

Um fato importante no conhecimento do corpo por parte da ciências biológicas foi a utilização da tecnologia dos Raios X e do microscópio eletrônico. A nova tecnologia permitiu que a abordagem molecular

se tornasse indispensável em áreas de pesquisa como a Bioquímica e a Genética. Atualmente novas concepções sobre o sistema vivo são elaboradas, buscando superar o reducionismo característico do desenvolvimento técnico-científico, como a concepção sistêmica e a auto-organização que compreendem a vida a partir da relação dinâmica do todo ao invés da ênfase nos fragmentos (*Maturana e Varela, 1995*).

Sobre os saberes do corpo, vale conferir as recentes pesquisas de *Varela (1999)* no campo da psiconeuroimunologia, um subcampo da biologia, que visa à conexão entre a mente e o corpo. Essas pesquisas reforçam a nossa argumentação sobre a natureza da corporeidade e a sabedoria que emerge dos processos corporais. O corpo, através do sistema imunológico, conhece a si mesmo e reconhece o que não lhe é familiar, ativando o nosso sistema de defesas. Quando não está na batalha contra agentes agressores externos, faz o reconhecimento interno ou autônomo; uma espécie de "conhece-te a ti mesmo" entre o sistema imunológico e o corpo. Assim há anticorpos para cada perfil molecular, seja membrana, proteína ou hormônios: "As células constroem um tecido de interação mútua, uma rede funcional... é isso que constitui nosso "eu" no nível das moléculas e células (inclusive determinantes genéticos e marcadores do "eu")" (*Varela, Op. Cit., p.66*).

O senso do eu cognitivo é formado a partir de propriedades emergentes de todos os neurônios, com suas sinapses que decodificam sinais elétricos e químicos. O mesmo se dá no sistema imunológico, uma capacidade emergente de reconhecer a história do corpo e conviver com ela.

Sendo uma propriedade emergente, ela é algo que surge mas não existe em lugar nenhum. A partir do ponto de vista da psiconeuroimunologia, o corpo também teria uma identidade que é conceitualmente designada, mas não existe em lugar nenhum. Minha identidade física não está localizada nos meus genes ou nas minhas células, e sim no complexo das interações (*Varela, 1999, p.73*)

O sistema imunológico ou a identidade do corpo assegura uma auto-regulação que não é determinada pela consciência ou pela identidade cognitiva cerebral. A conexão neuroimunológica contribui como a compreensão científica da sabedoria do corpo, presente em tradições da fenomenologia, budismo e outras.

As ciências sociais também elaboraram um certo saber sobre o corpo, interpretando a realidade social sob diferentes aspectos. O corpo nas análises sociológicas apresentam não só aspectos de conformidade, mas também de transgressão da ordem vigente, como mostram as análises de Foucault, sobre a materialidade do saber/poder e o corpo disciplinado; as análises de Nobeit Elias sobre o corpo civilizado e o controle sobre as emoções e os instintos. A ordem corpórea está repleta de rituais simbólicos, tecnologias disciplinares, códigos de etiquetas, entre outros aspectos que visam à conformidade do corpo (*William e Bendelow, 1998*).

Mas, há também sinais de transgressão no desejo, nos movimentos de minorias raciais, nos diferentes estilos de vida, opções sexuais. As análises contemporâneas mostram também o corpo em situações de risco (prostituição, AIDS, guerras, fome, miséria) e de consumo, como mostram as análises de Featherstone, ou ainda o crescimento das terapias corporais reichianas e neo-reichianas. Mapas de corpo e o corpo sem órgãos, nas análises de Deleuze e Guattari. Há também resgates do corpo como observamos na sociologia da carne de Merleau-Ponty, a partir das relações corpo-mundo e intersubjetividade ou ainda uma nova socialidade a partir da razão sensível de Maffesoli (*William e Bendelow, Op. Cit.*).

No cotidiano também se construiu um saber sobre o corpo através do folclore, da medicina popular, do conhecimento de plantas que curam, nos banhos de cheiro, nas simpatias, nos relacionamentos pessoais, nas festas, nos acontecimentos religiosos. Um saber caracterizado principalmente pela oralidade e ensinado no próprio viver cotidiano.

A arte também participa da construção dos saberes do corpo, na pintura e na dança, de modo mais visível, mas também no teatro, na literatura, na música, ressaltando na expressão artística uma existência transcendente, uma ressonância sensível que permite ampliar a percepção, aguçar os sentidos e se religar ao universo de sons, de imagens, de formas, da imaginação, da fantasia, da poesia. Também as tradições orientais, com suas práticas meditativas, massagens, acupuntura, medicina, nos oferecem um outro referencial sobre o conhecimento do corpo e a convivência com a nossa realidade corpórea.

As novas tecnologias reelaboram a convivência com o corpo, desde as interfaces de comunicação que prescindem da presença corporal direta às modificações corporais possibilitadas pela cirurgia plástica, implantes, transplantes de órgãos e outras. Por sua vez, a mídia elabora discursos sobre o corpo, divulgando modelos estéticos e todo o arsenal de produtos para o corpo, moda, espaços para modelar o corpo. Uma grande exposição do corpo, incentivando o consumo e atuando sobre os desejos do ser humano.

Há na construção desses saberes diferentes princípios organizadores, alguns seguem o positivismo, outros buscam a unidade mente-corpo, outros seguem princípios religiosos ou de mercado. Nesses saberes, o corpo é instrumento ou objeto das diferentes intervenções, mas também é construtor de sentidos múltiplos, haja vista que a experiência humana supõe a experiência corpórea (presença e ausência; imanência e transcendência) e sua capacidade de percepção na compreensão /atuação sobre o mundo.

Perceber tais agenciamentos ou usos do corpo na sociedade contemporânea pode contribuir para compreendermos o modo como a Educação Física se aproximou destes conhecimentos. Os discursos, ou mapas cognitivos, transformam-se em atos nas instituições e estas, por sua vez, atuam sobre os corpos, inclusive modificando os próprios discursos. Desse modo, indagamos sobre os discursos e práticas veiculados pela Educação Física enquanto instituição social que produz ou reproduz determinados usos do corpo.

Parafraseando o instigante título da obra "Em nome do corpo" (*Villaça e Góes, 1998*), interrogamos sobre o que a Educação fez ou deixou de fazer em nome do corpo. De um modo geral, a Educação Física assumiu os códigos das Ciências Naturais e os postulados da racionalidade moderna, pouco considerando ou não considerando as elaborações das ciências sociais ou da sabedoria popular. As descontinuidades da história revelam a existência de corpos higienizados, militarizados, atléticos, sarados, mas por onde se escondem os corpos sexuados, os corpos desejantes, os corpos mutilados, fragmentados, seja em situações de risco, fome e miséria ou na realidade das transformações biotecnológicas dos transplantes, das próteses, entre outras formas de intervenção?

A Educação Física ao ater-se a cultura de movimentos coloca-se nesse espaço de produção de subjetividades, havendo a necessidade de resignificar suas práticas. Para tanto, a reflexão sobre os saberes produzidos sobre o corpo nos orienta em busca de novas formas de organização dos discursos e práticas da

Educação Física. Esta reflexão, de natureza epistemológica, abrange a leitura do corpo em movimento a partir dos campos ontológico, ético, lógico, metodológico e estético.

No campo ontológico, do Ser, como artesã de subjetividades individuais e sociais. Considerando que: "Ser corpo, é estar atado a um certo mundo" (Merleau-Ponty, 1994, p.205). Na perspectiva fenomenológica, a dimensão essencial só apresenta sentido se unida a dimensão existencial, ao mundo vivido, marcado pela historicidade e diversidade da cultura.

No campo ético, como mestra da diversidade dos valores, etnias, sistemas simbólicos e referências significativas para preservar a identidade, não reduzindo o mundo da sensibilidade à realidade virtual dos objetos cibernéticos, não fazendo do corpo uma máquina, prótese ou *outdoors*.

No campo lógico, epistemológico, dos saberes, como *bricoleur* da escrita do conhecimento da cultura de movimentos, considerando a necessária dialogicidade entre os diversos saberes, sobretudo ao mundo da vida. O mundo-vivido é a fonte para o conhecimento, é a partir das experiências vividas que atribuímos sentido aos acontecimentos.

No campo do método, dos fazeres, como potencializadora da linguagem sensível, expressa no corpo em movimento. Os métodos tradicionais de ensino em Educação Física, centrados no professor e onde os alunos repetem movimentos sem compreender o que fazem, sem serem solicitados em sua capacidade criadora, não contribuem para a reflexão sobre os signos sociais inscritos no corpo, para a identificação dos valores da cultura dominante e para a possibilidade de sua superação. Na escolha dos métodos de ensino, o professor precisa considerar que, ao realizar movimentos, os alunos não são objetos, corpos-máquina, prontos a reagir com precisão diante das solicitações externas, mas são seres cuja condição corporal marca sua singularidade e autonomia, pois o corpo é vivo e significante e ao mover-se, o humano cria e recria a história e a cultura.

No campo da estética, configura-se os diversos sentidos do corpo em movimento e inaugura-se um novo logos na organização do conhecimento, o logos estético, compreendido pela experiência vivida, corporificada (Merleau-Ponty, 1968). O sentido estético propõe o redimensionamento do corpo na Educação Física, como alternativa ao racionalismo e a objetualização do corpo promovidos pela cultura de consumo e novas tecnologias de controle e modificação da corporeidade.

Essas possibilidades podem se concretizar nas dimensões do fazer, compreender e apreciar a linguagem do corpo em movimento, na dança, no esporte, no jogo, ou em outras expressões do humano que, ao movimentar-se, cria realidades inusitadas, a partir dos elementos da cultura como articuladora de identidades, de modos de Ser e Conviver. Como instituição social, a Educação Física elabora discursos e práticas sobre o corpo, sendo necessário atentar para o fato de que nos agenciamentos ou usos do corpo, as sociedades materializam suas formas de existência e suas práticas de condicionamento, supressão ou afirmação da vida.

Compreendemos que este cenário epistemológico (ontológico, ético, lógico, metodológico e estético) configura-se como um vasto campo para a pesquisa e intervenção na Educação Física, sobretudo ao se interrogar sobre os discursos, instituições e práticas sociais feitas "em nome do corpo" e sobre o modo como

os reproduzimos (discursos e práticas) e ou como, a partir deles, criamos ou recriamos os nossos próprios discursos e práticas.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. **A Transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. 2ª ed. Tradução Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP: Papyrus, 1992.
- BRACHT, V. **Educação Física e ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 1999
- DOMINGUES, D. (Org.) **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- FEATHERSTON, M. and BURROWS, R. Cultures of thecnological embodiment: an introduction. In: **Body & Society**. London, Sage, 1995, vol.1(3-4):1-19
- FEATHERSTONE, M., HEPWORTH, M., TURNER, B. (Eds.) **The body**: social process and cultural theory. London: Sage, 1996.
- FERRY, L. **Homo aestheticus**: a invenção do gosto na era democrática. Trad. Eliana Melo e Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10ª ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- LE GRAND, J-P. Questionando Mona Lisa. In: DOMINGUES, D. (Org.) **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora da UNESP, 1997 (p.282-292).
- LÉVY, P. **O Que é o virtual**. 2ª ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- LOVISOLO, H. **Estética, esporte e Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997
- MAINETTI, J. A. Fenomenología de la intercorporeidad. In: **Cuadernos de Bioética**. [www.bioetica.org/numero 0 /doctrina](http://www.bioetica.org/numero0/doctrina)
- MATURANA, H. ; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Campinas /SP: editorial Psy II, 1995
- MERLEAU-PONTY, M. **Le monde sensible et le monde de l'expression**. Résumés de Cours. Collège de France 1952-1960. Paris: Gallimard, 1968.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994
- NÓBREGA, T. P. **Para uma teoria da corporeidade**: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba /SP, 1999.
- NULAND, S. B. **A Sabedoria do corpo**. Trad. André Carvalho. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SANTIN, S. **Educação Física**: ética, estética, saúde. Porto Alegre: EST, 1995
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SAWDAY, J. **The body emblazoned**: dissection and the human body in renaissance culture. London: Routledge, 1996.

SHATTUCK, R. **Conhecimento proibido**. Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VARELA, F. O Eu do corpo. In: GOLLEMAN, Daniel (org.) **Emoções que curam**: conversas com o Dalai Lama sobre a mente alerta, emoções e saúde. Trad. Cláudia Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 1999 (p.61-80).

VILLAÇA, N.; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WILLIAMS, S. and BENDELOW, G. **The lived body**: sociological themes, embodied issues. London: Routledge, 1998.

ENDEREÇO DA AUTORA

Rua Esperantina, 2439, Panatis I, Natal /RN
CEP 59108-150
E-mail: pnobrega@ufrnet.br